

A Supervisão em Psicanálise na Clínica Escola: Breve Relato de uma Pesquisa

Cristina Moreira Marcos

Psicanalista. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Minas. Membro da coordenação do Curso de Especialização em Clínica Psicanalítica na Atualidade. Doutora em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris 7.

End.: Rua Paschoal Carlos Magno, 68 - Bairro Ouro Preto - Belo Horizonte/MG. CEP: 31310-510.

Telefone: (31)3498 4182

E-mail: cristinammarcos@gmail.com

Resumo

Este artigo trata do relatório final da pesquisa intitulada “A clínica-escola, a psicanálise e seus efeitos”, realizada no período de fevereiro a dezembro de 2009, que buscou compreender de modo mais aprofundado as condições do ensino e da transmissão da psicanálise na prática da supervisão clínica dos estágios curriculares da graduação em psicologia ocorridos nas clínicas-escolas. Essa pesquisa foi financiada pelo Fundo de Incentivo

à Pesquisa, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da PUC-Minas. Estudar a transmissão da clínica psicanalítica, da sua ética e do seu ato, em uma clínica-escola é de fundamental importância para a discussão e reflexão acerca dessas práticas no âmbito da graduação do curso de psicologia. O ensino da psicanálise na universidade, objeto desta pesquisa, circunscreveu-se à prática da supervisão. Os dados, obtidos através de entrevistas semidirigidas com psicólogos recém-formados que haviam iniciado suas práticas clínicas em ambulatórios universitários, foram analisados à luz da psicanálise. Para que se possa discutir o ensino da psicanálise na universidade a partir da prática de supervisão clínica, é preciso considerar as diversas significações dessa experiência e seus efeitos para o aluno. A pesquisa contribuiu para revermos algumas hipóteses acerca dos efeitos produzidos nos alunos pela experiência de estágio na clínica orientada pela psicanálise. Dessa forma, alguns elementos se constituem como norteadores da formação: a transferência, a supervisão como lugar de aprendizagem e de articulação teórico-clínica, a interseção da clínica com outras áreas de atuação e a importância da escuta, não somente do caso atendido, mas dos relatos dos colegas.

Palavras-chave: Supervisão, Psicanálise, Clínica-escola, Universidade, Pesquisa.

The Supervision in Psychoanalysis in the Clinical-School: A Brief Research Report

Abstract

This paper is the final report of a research project entitled "The clinic-school, psychoanalysis and its effects", held from February 2009 to December 2009. Its aim is to understand in more depth the conditions of teaching and of transmission of psychoanalysis in the practice of clinical supervision of internships in undergraduate programs of psychology. This research was supported by the "Fundo de Incentivo à Pesquisa - PUC-Minas". The study of the psychoanalytical clinic transmission, of its ethics and its acts are

very important to foment the discussion and reflection around these practices in the psychology graduation course. The data obtained through semi-directed interviews with recently graduated psychologists who had started their clinical practices in university clinics, were analyzed using psychoanalytical parameters. In order to discuss the psychoanalytical training, which takes place at the university through clinical supervision, it is necessary to take into account the various meanings of this experience and its effects on students. The research contributed to reviewing some hypotheses about the effects on students of this internship experience at the psychoanalytically oriented clinic. Some elements crucial for the training are the transfer, the supervision as a place of learning and articulation between theory and clinical practice, the intersection of the clinic with other areas, and the importance of listening, not only the patient, but also the colleagues' reports.

Keywords: Supervision, Psychoanalysis, Clinical school, University, Research.

Supervisión en Psicoanálisis en la Escuela Clínica: Breve Informe sobre una Encuesta

Resumen

Este trabajo trata de un estudio titulado "La escuela clínica, el psicoanálisis y sus efectos", que se realizó entre febrero y diciembre de 2009 y tuvo como objetivo comprender más profundamente las condiciones de la enseñanza y transmisión del psicoanálisis en la práctica de la supervisión clínica de pasantías de posgrado en psicología clínica ocurridos en las escuelas. Esta investigación fue financiada por el Fondo para el Fomento de la Investigación, Decano de Estudios de Posgrado de la PUC - Minas. El estudio de la transmisión de la práctica psicoanalítica, su ética y su actuar en una escuela clínica es de fundamental importancia para el debate y la reflexión sobre esas prácticas bajo curso de graduación en psicología. La enseñanza del psicoanálisis en la universidad, el objeto de esta investigación, se ha circunscrito a la práctica de la supervisión. Los datos obtenidos a través de

entrevistas semi-estructuradas con los psicólogos recién titulados que iniciaron su práctica clínica en las clínicas universitarias, se analizaron a la luz del psicoanálisis. Para una discusión de la enseñanza del psicoanálisis en la universidad desde la práctica de la supervisión clínica, es necesario tener en cuenta los distintos significados de esta experiencia y sus efectos en el estudiante. La investigación contribuyó a la revisión de algunas hipótesis sobre los efectos en los estudiantes para la experiencia de la pasantía en el psicoanálisis clínico conducido. De esa manera, algunos elementos se constituyen como guías la formación: la transferencia, la supervisión como un hogar de aprendizaje y de articulación teórica y clínica, la intersección de la clínica con otras áreas de actuación y la importancia de la escucha, no sólo al evento atendido, pero de los informes de los colegas.

Palabras-clave: *La supervisión, El psicoanálisis, La escuela clínica, Universidad, Investigación.*

La Surveillance Psychanalytique dans la Clinique École : Bref Rapport d'une Enquête

Résumé

Cet article traite d'une enquête intitulée " La clinique de l'école, de la psychanalyse et de ses effets", tenue de Février à Décembre 2009, visait à comprendre plus profondément les conditions de l'enseignement et de la transmission de la psychanalyse dans la pratique rapport final supervision clinique de stages pour étudiants diplômés en psychologie clinique a eu lieu dans les écoles. Cette recherche a été financée par le Fonds pour la promotion de la recherche, doyen des études supérieures à la PUC Minas. Pour étudier la transmission de la pratique psychanalytique, leur éthique et leur acte dans une clinique de l'école est d'une importance fondamentale pour la discussion et la réflexion sur ces pratiques dans le cadre de l'obtention du diplôme cours en psychologie. L'enseignement de la psychanalyse à l'université, l'objet de cette recherche, circonscrit à la pratique de la surveillance. Les données

obtenues par entretiens semi-structurés avec des psychologues nouvellement qualifiés qui ont commencé sa pratique clinique dans les cliniques universitaires, ont été analysés à la lumière de la psychanalyse. Pour être en mesure de discuter de l'enseignement de la psychanalyse à l'université de la pratique de la supervision clinique, il est nécessaire d'examiner les diverses significations de cette expérience et de ses effets sur l'élève. La recherche a contribué à la révision des hypothèses sur les effets sur les étudiants pour une expérience de stage en psychanalyse clinique menée. Ainsi, certains éléments sont constitués que de la formation de guidage: le transfert, la supervision comme un lieu d'apprentissage et d'articulation théorique et clinique, l'intersection de la clinique avec d'autres domaines d'intérêt et l'importance de l'écoute, non seulement assisté à l'événement, mais la rapports des collègues.

Mots-clés: *La surveillance, La psychanalyse, L'école clinique, Université, Recherche.*

A Supervisão em Psicanálise na Clínica Escola: Breve Relato de uma Pesquisa

Esta pesquisa foi financiada pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da PUC-Minas. Estudar a transmissão da clínica psicanalítica, da sua ética e do seu ato, em uma clínica-escola é de fundamental importância para a discussão e reflexão acerca das práticas clínicas de estágio curriculares no âmbito da graduação do curso de psicologia. A clínica objeto desta pesquisa se refere à prática de atendimento clínico individual sob supervisão de orientação psicanalítica que se realiza nas clínicas universitárias. Ela constitui-se como uma das ofertas de estágio curriculares que compõem o curso de graduação em psicologia.

A pergunta sobre a possibilidade de transmissão da psicanálise na universidade se justifica a partir da constatação de que o ensino da psicanálise e a iniciação à sua prática fazem

parte da formação curricular do aluno de graduação de psicologia. Se quisermos pensar o ensino da psicanálise na universidade e o que se pratica hoje nas universidades brasileiras, a pergunta sobre o lugar da prática clínica no ambulatório universitário é incontornável.

Hoje, as práticas clínicas são chamadas a responder a sintomas que exigem um constante avanço da teoria. O psicanalista não está mais confinado ao consultório privado. Do mesmo modo, o ensino da psicanálise não se restringe às instituições psicanalíticas. Temos, atualmente, um grande número de cursos de iniciação, atualização e especialização em clínica psicanalítica vinculados às universidades. A pergunta sobre a transmissão da psicanálise na universidade, objeto desta pesquisa, circunscreveu-se à prática da supervisão, pois essa é a modalidade de ensino que se observa no acompanhamento dos casos atendidos pelos estagiários nas clínicas universitárias.

Ainda é preciso dizer que a clínica-escola comporta diversas práticas e abordagens clínicas, e a psicanálise é apenas um dos discursos ali veiculados. Cabe refletir sobre essa presença e sobre o ensino da psicanálise nesse contexto. O curso de graduação em psicologia e a prática de estágio nos ambulatórios universitários não visam à formação de psicanalistas nem se pautam em um dogmatismo que obstruiria o debate científico, sempre marcado pela diversidade e característico da universidade.

A clínica da psicanálise, hoje, não se restringe ao âmbito do consultório privado. Trata-se, aqui, evidentemente, de uma noção de clínica que, ampliada a outros campos, impõe outros questionamentos e problemas a serem enfrentados. Atualmente, encontramos psicólogos trabalhando, além dos consultórios particulares, em instituições dos mais diversos campos: na saúde mental, em centros de saúde, em serviços de urgência e em hospitais psiquiátricos; na assistência social, em programas sociais e comunitários, em programas de atendimento a crianças e adolescentes, em ONGs; no campo jurídico, em instituições policiais e jurídicas; em conselhos tutelares; no campo da saúde, em hospitais gerais, em programas de saúde da família etc.

Se devemos considerar que a clínica psicanalítica tem seu *locus* privilegiado de trabalho no atendimento individual em consultório particular, não podemos negar sua expansão a campos e setores sociais muito diversos, em função da ampliação dos seus limites de atuação. Temos, de um lado, o desenvolvimento da teoria, que permite a abertura de novos campos de atuação; de outro, as transformações sociais e os avanços do mundo contemporâneo, que impulsionam e questionam a teoria e a clínica. Se nos interrogamos acerca da possibilidade de transmissão da psicanálise em uma clínica universitária, trata-se, em última instância, de pensar a possibilidade da prática psicanalítica, da sua ética e do seu ato, para além do seu enquadre clássico.

Para a realização desta pesquisa, em um primeiro momento, buscamos delimitar, histórica e conceitualmente, a prática da supervisão clínica na psicanálise e as relações entre a psicanálise e a universidade. Nossos autores de referência foram Freud e Lacan.

Nosso primeiro passo foi investigar as relações de Freud e da psicanálise com a universidade. Sabemos que a prática clínica faz parte da formação do aluno. Freud (1919/1969), em seu texto “O ensino da psicanálise na universidade”, não deixa de sugerir-lha aos cursos universitários, através da criação de ambulatórios. Em vários momentos de sua obra, ele comenta as possíveis interseções entre psicanálise e universidade. Embora suas posições oscilem entre um total descrédito frente à relação entre psicanálise e universidade e a certeza de que a psicanálise teria muito a contribuir na instituição universitária, Freud é inflexível quanto à certeza de que a verdadeira transmissão da psicanálise se dá na experiência singular do sujeito, e não a partir de um ensino formal.

Em suas conferências proferidas na Universidade Clark, nos Estados Unidos – *As cinco lições de psicanálise* –, Freud (1910/1969) adverte que não se aprenderá o método investigativo psicanalítico ou o modo de realização do tratamento analítico ouvindo-se as conferências. Poderíamos afirmar, com Freud, que fora da experiência clínica, as informações sobre os métodos e as

técnicas psicoterápicas seriam comentários de segunda mão. Ele sugere aos cursos teóricos o atendimento ambulatorial. Dessa forma, abrir-se-ia outra perspectiva do saber, pois o particular de cada sujeito estaria em causa.

Há ainda que se acrescentar que a transmissão em jogo na prática da clínica-escola não se recobre por um acúmulo de experiência (o exercício do aluno em determinada prática), mas diz respeito a um tempo e a um espaço criados dentro da universidade e propiciados por ela mesma na busca de uma formação que leve em conta a construção do saber no particular de cada caso.

Trata-se de tornar o aluno capaz de aprender com a prática. Os sujeitos nos procuram porque sofrem e querem uma resposta para o seu adoecer, para a sua dor psíquica. A clínica nos coloca diante da impossibilidade desta resposta. O aluno depara-se com o fato de que a clínica não é um lugar para se aprender um conjunto de regras técnicas ou um modo de interpretar, ela é espaço de criação de novas possibilidades de pensar.

A partir daí a questão da supervisão como lugar de ensino e transmissão da psicanálise na universidade pode ser destacada. Apontada, desde Freud, como um dos três elementos fundamentais à formação do analista, a supervisão insere-se no contexto universitário como uma modalidade de ensino da clínica.

Seria a supervisão na clínica-escola um espaço privilegiado de transmissão na universidade, espaço para o singular? A clínica é lugar da suposição de um saber e não de sua exposição, como é o caso no ensino formal universitário onde o saber se transmitiria plenamente para um grande número de sujeitos anulados em sua singularidade. A clínica na universidade seria um espaço privilegiado onde a perspectiva de uma relação distinta com o saber se colocaria, na medida em que o singular deve ser ali considerado. Nesse espaço, embora haja uma demanda de saber teórico, há um confronto com o cotidiano da clínica que nos leva a um constante deslocamento em relação a esse saber. Obviamente a supervisão implica uma demanda de saber sobre a

teoria, sobre o diagnóstico, sobre o manejo da transferência e até mesmo um questionamento da eficácia do procedimento clínico. Ora, o fato de que exista uma clínica-escola onde o atendimento se faz acompanhado da prática da supervisão não nos garante um funcionamento no qual a relação com o saber possa ser deslocada. Pode-se a partir de um determinado aspecto da teoria, ordenar o que se escuta na clínica, escamoteando a singularidade que a experiência prática provoca. Ao contrário, a supervisão pode provocar uma produção de saber sobre o caso a partir daquele que recolhe o que é escutado na clínica, para a partir daí reconhecer a teoria. A supervisão abriria espaço então para a possibilidade de uma prática que leve a uma produção de saber.

Em um primeiro momento, tornou-se necessária a construção de uma melhor compreensão acerca do que definiria a prática da supervisão orientada pela psicanálise na universidade. A supervisão na universidade insere-se em uma exigência curricular e responde à demanda institucional ditada pelas diretrizes propostas pelo Ministério da Educação. Esta prática fundamenta-se na idéia de que o tratamento conduzido pelo jovem iniciante deve se fazer acompanhar da escuta atenta de um profissional mais experiente a fim de garantir o bom andamento da cura. Obedecem assim a um conjunto de regras, obrigação e compromissos institucionais. A partir do sétimo ou oitavo período e após o cumprimento de determinados pré-requisitos curriculares, como ter cursado determinadas disciplinas, o aluno estaria apto a se inscrever no estágio clínico supervisionado. Sua duração restringe-se a um semestre letivo. Este período pode ser estendido quando o aluno faz a escolha de continuar o estágio na área clínica. Isto pode significar a mudança de supervisor ou não. É preciso acrescentar que a transmissão em jogo na prática da clínica-escola não se recobre por um acúmulo de experiência (o exercício do aluno em determinada prática).

As regras que enquadram a supervisão na universidade dizem respeito a sua obrigatoriedade, sua dinâmica, sua periodicidade e seu funcionamento. Podemos dizer que a supervisão na formação dos psicólogos é regida pelo discurso universitário, no qual o aprendizado, conduzido pela mestria, produz um

sujeito dividido entre o saber e a verdade. Isto às vezes resulta tão-somente nos créditos a mais exigidos para a colação de grau. Outras, não.

A supervisão é o terceiro elemento colocado por Freud no tripé da formação do analista— a análise pessoal, o estudo teórico e a supervisão. Ainda é preciso dizer que a universidade não forma analistas, entretanto, é uma realidade o florescimento da prática da supervisão na formação do psicólogo, assim como a presença da psicanálise na universidade. Com o intuito de responder à nossa questão acerca da possibilidade de transmissão da psicanálise na clínica-escola, buscamos elucidar o que seria o sentido propriamente psicanalítico da supervisão na universidade.

No período de fevereiro a julho de 2009, buscou-se a construção de uma sustentação teórica e conceitual da supervisão na universidade. A regulamentação da formação dos analistas ocorreu em 1920, com a criação do primeiro instituto de formação em Berlim. A análise didática, os cursos teóricos e a supervisão constituam os eixos da formação. Em seu artigo “A questão da análise leiga”, Freud (1926/1969) afirma que a formação é necessária a todo aquele que quiser se tornar analista.

A regulamentação da formação dos analistas ocorreu em 1920, com a criação do primeiro instituto de formação em Berlim. A análise didática, os cursos teóricos e a supervisão constituíam os eixos da formação. É em seu texto de 1926, “A questão da análise leiga”, que Freud (1969/1926) afirma: a formação é necessária a todo aquele que quiser se tornar analista.

Antes da prática de supervisão tornar-se institucionalizada, a demanda de supervisão surgiu entre os primeiros psicanalistas, que sentiam a necessidade de discutir seus casos com Freud. O pedido de supervisão vinha dessa necessidade de compartilhar com um analista mais experiente as dificuldades encontradas na prática, para tentar superá-las.

Parece que com a criação da Policlínica Psicanalítica de Berlim, em 1920, e a fundação da IPA (Associação Psicanalítica Internacional), teriam ocorrido uma inversão em relação à práti-

ca da supervisão na qual a oferta passou a preceder a demanda. Vemos florescer então um conjunto de regras que enquadram a supervisão. Trata-se de uma regulamentação institucional da supervisão na qual transparece sua função de controle e vigilância. Safouan (2006) também fala da transformação “em obrigação do que pertencia ao domínio da escolha”. Com a institucionalização da formação dos analistas pelos institutos de formação parece se iniciar um processo de burocratização da supervisão. Embora os institutos filiados à IPA tenham se transformado desde então modificando seus procedimentos em relação à formação do analista, não houve mudanças estruturais no que se refere à supervisão.

Na universidade, o sentido pedagógico da supervisão vem ocupar grande parte da cena, fazendo surgir sua dimensão de controle e vigilância. A função do supervisor, de modo antagônico à função do analista, torna-se fundada na mestria, na fiscalização e na hierarquia, sustentando-se no discurso universitário. A relação hierarquizada, na qual se veem presos supervisor e aluno na universidade, pode ter como efeito uma inibição que os amarra ao campo do imaginário e do ideal. Só há possibilidade da recuperação de algum sentido analítico da supervisão se sairmos desse terreno, apontado para algo fora dele.

Método de Pesquisa

Esta pesquisa filia-se à linha de pesquisa clínico-qualitativa. O método clínico-qualitativo foi escolhido a partir da particularização e refinamento do método qualitativo. O sentido e a significação dos fenômenos são o cerne desta abordagem metodológica e procurar capturá-los através das interpretações é o objetivo do pesquisador (Turato, 2003). A pesquisa clínico-qualitativa enfatiza o particular e o individual na busca da compreensão dos fenômenos estudados e, neste sentido, baseia-se em um pressuposto fundamental da clínica, a saber: cada caso é único.

A pesquisa clínico-qualitativa enfatiza as particularidades de um fenômeno podendo captar um universo de significações, motivos e atitudes. Entre os métodos de pesquisa, amplamente

utilizado pelos saberes psicológicos, alinham as histórias de vida, os depoimentos pessoais e o estudo de caso. Nossa metodologia escolhida foi a dos depoimentos pessoais na medida em que respondia à nossa proposta de trabalho, propiciando um estudo profundo desta situação particular que é a supervisão clínica na universidade e permitindo o recorte e a concentração neste tema.

A pesquisa, no campo de estudo da psicologia, deve se situar entre as exigências científicas e o compromisso com a singularidade do sujeito. Seu objeto é o estudo dos processos psíquicos e o método freudiano do tratamento psicanalítico fornece um modelo de investigação exemplar. (Bourguignon e Bydlowski, 2006)¹.

A coleta de dados foi feita através da entrevista semi-estruturada individual. Ela nos permitiu entrevistas em profundidade e oportunidade para a coleta de informações individuais detalhadas. Adequaram-se aos objetivos da pesquisa, mostrando serem um recurso técnico eficaz na construção de depoimentos. Além disto, as entrevistas semi-estruturadas permitiram o cumprimento de alguns elementos essenciais para o recorte do tema, ao mesmo tempo em que possibilitaram a inclusão de novas perguntas ao roteiro original, quando se fez necessário aprofundar determinados aspectos relevantes para a pesquisa.

Foram entrevistados quatro sujeitos que tiveram sua iniciação clínica feita no ambulatório universitário nos estágios de graduação do curso de Psicologia. Este número mostrou-se suficiente para o cumprimento dos objetivos propostos. Os sujeitos da pesquisa foram selecionados no decorrer do estudo, levando-se em consideração o fato de haverem passado por esta experiência de iniciação à prática clínica da psicanálise em ambulatórios universitário durante a graduação em psicologia. O primeiro contato foi feito por telefone e assim foram agendadas as entrevistas individuais. O “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” foi preenchido após a seleção dos sujeitos, no qual foram explicitados os objetivos da pesquisa. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, com o acordo dos entrevistados. Foram preservados a privacidade e o anonimato dos

1 Sobre este ponto ver também Santiago (2008).

sujeitos entrevistados, de tal maneira que não é possível reconhecer a identidade individual dos sujeitos.

O roteiro estabelecido previamente possibilitou um eixo, permitindo ao entrevistador a condução da entrevista em torno dos temas relacionados ao nosso objeto de estudo, tais como a trajetória nos estágios em clínica psicanalítica, as escolhas dos estágios e dos supervisores, as relações entre aluno e supervisor, a experiência ou não de análise, a inserção profissional hoje.

A análise dos dados permitiu selecionar e reorganizar o material transcrito segundo temas, identificados após repetidas leituras de todos os transcritos. Após estas leituras, procedemos à categorização a partir de dois critérios: o de repetição e o de relevância dos pontos constantes no discurso dos entrevistados. Segundo Turato (2003), o critério de repetição permite considerar os pontos reincluídos nos discursos dos sujeitos e o critério de relevância permite transformar em uma categoria um elemento que se destaca, não pela reincidência, mas pelo seu valor quanto ao pressuposto inicial do projeto. Deste modo, embora o roteiro de entrevistas tenha se constituído a partir de eixos temáticos, as categorias só foram definidas a partir da leitura e da classificação dos elementos, segundo procedimento amplamente utilizado na pesquisa em ciências humanas. Foram elas: motivação, experiência e transferência.

Embora não se trate de uma investigação psicanalítica no sentido estrito do termo, a investigação clínico-qualitativa apropria-se de conceitos da psicanálise como ferramentas de pesquisa para a discussão do material colhido. Foi nos conceitos da psicanálise que optamos por buscar elementos norteadores para elaboração do roteiro de entrevistas e para sua aplicação, assim como o referencial teórico para a discussão dos resultados. (Turato, 2003) Pudemos extrair do método analítico elementos norteadores para a análise das entrevistas, tais como: o inconsciente, a atenção flutuante, a transferência, a repetição, entre outros.

A pesquisa contribuiu para revermos algumas hipóteses acerca dos efeitos produzidos nos alunos pela experiência de estágio na clínica orientada pela psicanálise. Frequentemente os

alunos fazem a experiência de um despreparo diante do enfrentamento desta prática – falta de embasamento teórico, nenhuma experiência prévia de análise, às vezes, nenhuma pretensão de se dedicar à clínica. A angústia aparece nos relatos de diversos alunos, confrontados com uma experiência na qual o real faz irrupção na medida em que ela não é recoberta pelo sentido.

A ideia de que o estágio curricular é obrigatório e que não passa por uma escolha do aluno não se confirmou. Mesmo para aqueles que não tinham intenção em se dedicar à clínica posteriormente, o estágio foi uma escolha e representava uma aprendizagem em relação à escuta clínica. Todos eles buscaram o estágio em iniciação à clínica psicanalítica a partir de uma motivação particular: o contato com a teoria feito em sala de aula, a identificação com o professor da disciplina teórica, a experiência pessoal anterior com a psicanálise, ou ainda a concepção de que a experiência clínica é útil em qualquer área de atuação posterior. Ainda é preciso dizer que a referência à importância de haver uma transferência com o professor/supervisor foi uma constante nas entrevistas.

Eu acho que, pelas primeiras aulas, eu me identifiquei muito com o professor. (...) Eu escolhi a psicanálise, a princípio, por uma identificação com o professor; logicamente, com a matéria, e podendo comprovar que isto realmente tinha a ver me motivou mais ainda. Me fez continuar. E3

Eu fiz uma escolha. Eu já havia feito uns estágios. E aí fui percebendo que a psicanálise podia nos dar uma escuta mais atenta ao sujeito. E2

Desde minha primeira aula de psicanálise, eu já me interessei muito. (...) Quando comecei a fazer psicologia, eu nem sabia que tinha linha, eu não fui por isso. Mas quando eu comecei a ouvir sobre psicanálise, eu fiquei interessada. Foi por causa da disciplina. (...) Aí eu comecei a fazer análise e estou até hoje. E1

Desde o início do curso, quando começamos a ter

contato com as disciplinas de psicanálise, de clínica, eu me identifiquei muito com a psicanálise. (...) Optei pela escolha de seguir o caminho de estudar psicanálise e tentar o estágio nessa linha mesmo da psicanálise. E4

A ideia de que os alunos não vêem sentido em um atendimento em um período tão curto, com um estagiário que se sente tão pouco apto a desempenhar sua função na condução de um caso também não se confirmou no depoimento de nossos entrevistados. Embora a referência ao desamparo e à angústia inerentes à experiência tenham sido constantes, a supervisão e o estágio ganhavam sentido no aprendizado que deles se extraía.

A supervisão tem muito este papel de baixar um pouco a angústia e essa insegurança. Além do aprendizado da supervisão, que eu não consigo vislumbrar uma pessoa, um estudante, que forme em psicologia e aprenda sem ter tido uma supervisão. (...) A partir da supervisão, acho que a gente vai aprendendo os caminhos a serem tomados e muito também pelo embasamento teórico que a supervisão oferece. (...) Não é aquela coisa de chegar para o supervisor, relatar o caso e ele te dar intervenções mastigadas e prontas. Não, ele vai te fazer pensar (...). E4

Nos depoimentos coletados, a supervisão se configurou como lugar de aprendizagem e de construção de um saber totalmente diferente da sala de aula, na medida em que a transferência com o supervisor foi apontada como um elemento fundamental para que o aluno não se sentisse intimidado por este profissional mais experiente e pudesse expor e conduzir o caso atendido. O saber assim constituído foi considerado muito valioso porque permitia a conjugação da teoria com a prática.

E a supervisão vem para tornar este caminho menos angustiante, porque, realmente, nos primeiros atendimentos, no primeiro contato, quando você sai da sala de aula e tem a teoria para começar os atendimentos na clínica, é uma insegurança muito grande, uma angústia muito grande, sem saber das intervenções a

serem feitas. (...) Mas é interessante, porque, na supervisão, se constrói um saber totalmente, como eu posso dizer... é um saber muito valioso, porque a gente ainda não tem esta prática (...). E4

Tem professor que acolhe mais na supervisão: “Com tal professor, eu me sinto à vontade para demonstrar mais minha ignorância. Com outros professores, eu tenho que ficar fazendo semblante.” Então, tudo isto faz parte dessa transferência, que assim como tem que ser com o analista, na supervisão também, porque... senão o aluno acaba não expondo realmente o que ele aprendeu, o que ele não aprendeu. Fica tentando mascarar alguma coisa... E4

Eu acho que tem uma grande diferença. A experiência do estágio foi muito mais do que em sala de aula... Muito mais essencial do que a aula. Porque, ali, você está na prática; e na aula, você está aprendendo teoria, mas é um complemento, na verdade. Eu acho que os dois se completam, porém, acredito que o aprendizado acontece mais no estágio. Eu acho que um é fundamental para o outro. (...) Ela [a supervisão] é um complemento essencial. E1

Há ainda que se acrescentar que a queixa constante em relação ao tempo reservado para a supervisão é diluída, na medida em que se constata a importância da escuta do relato do outro. Aprende-se com o relato do colega.

O ponto negativo da supervisão em grupo é ter muitos alunos e pouco tempo para cada aluno expor seu caso e ter um feedback. Agora, o lado positivo disso, é você poder ter o contato com outros casos dos colegas, e ali você aprende muito também. Era interessante porque às vezes tinha supervisão que eu saía assim..., que eu aprendi..., algumas vezes eu aprendi mais com

a supervisão do colega do que com a minha (...) E4

A princípio dá aquele medo. O que eu faço? O que eu falo? Como que é isso? E as supervisões são muito importantes porque ali você escuta a história de um colega, de outro colega, que te ajudam a perceber coisas que nem você tinha pensado. E2

Para que se possa discutir o ensino da psicanálise na universidade a partir da prática de supervisão clínica é preciso considerar as diversas significações desta experiência e seus efeitos para o aluno. Desta forma, alguns elementos se constituem como norteadores da formação do aluno: a transferência, a supervisão como lugar de aprendizagem e de articulação teórico-clínica, a interseção da clínica com outras áreas de atuação, a importância da escuta, não somente no caso atendido, mas a partir dos relatos dos colegas.

Considerações Finais

Parece-nos que, na universidade, o sentido pedagógico da supervisão ocupa grande parte da cena, fazendo surgir sua dimensão de controle e vigilância e mestria. A função do supervisor, de modo antagônico à função do analista, torna-se fundada na mestria, na fiscalização e na hierarquia, sustentando-se no discurso universitário.

Trata-se de um modelo pedagógico baseado na ilusão de que há uma técnica a ser aprendida. A tarefa do supervisor é apontar o que se deve e o que não se deve fazer, para, então, avaliar a competência clínica do aluno. A relação hierárquica que se instala contribui para a construção do lugar do supervisor como idealizado, na contramão do lugar do analista.

Safouan (2006) nos esclarece acerca do sentido da supervisão como aprendizagem. Trata-se, sim, de aprender, mas de um

aprender que não está em relação com a técnica, posto que não há técnica analítica. É necessário pensar em “aprender a aprender com sua própria experiência” (Safouan, 2006, p. 280). O psicanalista reinventa a psicanálise em sua prática. “Sob esse ângulo, sua experiência é a experiência dos efeitos de seus atos. Ora, é nessa experiência que ele tem tudo para aprender.” (*ibidem*, p. 279).

Se a análise consiste nessa experiência que se faz a partir dos efeitos de seus atos, as questões e as demandas referentes à condução de um caso na supervisão devem ser colocadas em relação a uma práxis, e não a um sentido. Não se trata de conceber a supervisão como uma resposta à demanda, mas, talvez, de responder ao “o que significa isto?” ou ao “o que devo fazer?”.

Safouan (2006) afirma que o sentido da supervisão como aprendizagem se resume ao fato de que se trata de aprender a aprender com a própria experiência. Não se trata de um saber *a priori*. E talvez possamos pensar aqui na noção de “perlaboração”, proposta por Freud (1914/1969) em seu texto “Recordar, repetir e elaborar”. Freud designa com esse termo o trabalho analítico necessário diante dos obstáculos ao tratamento.

Na experiência analítica não se trata de um saber ofertado, oferecido, existente *a priori* no tesouro de conhecimentos do analista, mas de um saber adquirido, conquistado, por causa e apesar dos obstáculos no trabalho de elaboração. O que se extrai dessa noção é que é preciso fazer a experiência do inconsciente.

É este o sentido da perlaboração: a nomeação da resistência não a elimina. É preciso dar tempo ao paciente para que ele conheça bem essa resistência que ele ignorava, para elaborá-la, vencê-la e prosseguir o trabalho, apesar dela. A elaboração da resistência não é, portanto, uma tarefa de suprimi-la, mas antes um confronto contínuo. No texto, o que se destaca é o aspecto de fazer a experiência inerente à elaboração. A noção de elaboração diz que, para que uma mudança ocorra, não basta comunicar ao paciente algo que o analista descobriu. É preciso que o paciente elabore a partir da experiência. Fazer análise é, antes de tudo, fazer a experiência do inconsciente.

Obviamente, não se afirma aqui uma equivalência entre a

supervisão e a análise. Tal representação da supervisão como lugar de aprendizagem e da construção de um saber totalmente diferente daquele transmitido em sala de aula foi destacada nas falas dos sujeitos entrevistados. O que se evidencia é a articulação entre o saber que está em jogo na clínica e a experiência que se faz do inconsciente. Isso nos permite pensar que o aprendizado da clínica na supervisão não diz respeito a um saber profissionalizante da ordem do funcional, mas de um saber que se constitui na experiência e a partir dela.

Referências

- Barroso, S. (2003). Sobre o caso clínico: uma contribuição à metodologia de pesquisa em psicanálise. *Almanaque de Psicanálise e Saúde Mental*, 6(9), 19-24.
- Bourguignon, O., & Bydlowski, M. (2006). *La recherche clinique en psychopathologie: Perspectives critiques*. Paris: PUF.
- Figueiredo, A. C., Vieira, M. A. (2002). Psicanálise e ciência: Uma questão de método. In Bevidas, W. (Org.). *Psicanálise, pesquisa e universidade* (pp. 13-31). Rio de Janeiro: Contracapa.
- Freitas, S. (2000). Da observação clínica à pesquisa em psicanálise. *Cadernos IPUB*, 20, 28-35.
- Freud, S. (1969b). *Cinco lições de psicanálise* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1910).
- Freud, S. (1969a). *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1919).
- Freud, S. (1969c). *A questão da análise leiga* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1926).
- Lacan, J. (1986). *O seminário: Livro 1: Os escritos técnicos de*

Freud, 1953-1954. Rio de Janeiro: Zahar.

Santiago, A. L. (2008). O mal-estar na educação e a conversação como metodologia de pesquisa-intervenção na área da psicanálise e educação. In L. R. Castro & V. L. Besset, *Pesquisa-intervenção na infância e juventude* (pp. 113-131). Rio de Janeiro: Nau.

Safouan, M. (2006). Respostas a algumas questões relativas à supervisão. In M. A. C. Jorge (Org.), *Lacan e a formação do psicanalista* (pp. 277-284). Contra Capa: Rio de Janeiro.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Recebido em 01 de outubro de 2010

Aceito em 17 de agosto de 2011

Revisado em 02 de novembro de 2012